

A N E X O S

GEORGES POLITZER (1903-1942)

A REVOLTA COMO NOME DO HOMEM CONCRETO

In: HAMELINE, Daniel Anthologie des psychologues français contemporains. Introduction: Honoré LESAGE, Paris: P.U.F, 1969.

Nascido na Hungria, em 1903, Georges Politzer frequentou a Sorbonne no início dos anos 1920. Ele já era um apaixonado pela psicanálise, como testemunhou Henri Lefevbre, que fundou com Politzer e Pierre Morhange, uma revista de jovens pesquisadores, *Philosophies* (1924-1925). Politzer publicou *Le mythe de l'antipsychanalyse*, com o propósito de defender a psicanálise freudiana contra os ataques de Blondel e, desse modo, apresentou sua proposta crítica frente-a-frente (*vis-à-vis*) do “capítulo teórico” do freudismo que ele considerou “o que havia de mais provisório”. Ele conseguiu agregar, publicando – também com Lefevbre e Morhange (1926) – uma nova revista, *L'Esprit*, traduzindo Schelling e continuando a batalhar pela psicologia, dando nascimento a um dos mais notáveis panfletos da época: *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* (1928). Politzer desmontou ponto-a-ponto a psicologia do homem interior e a psicologia do laboratório. Ele persegue sua empreitada fundando a *Revue de psychologie concrète* (1929). Os colaboradores faltam e a obra fracassa. Em 1929, publica outra revista, “La fin d'une parade philosophique: o bergsonisme”, com o pseudônimo de François Arouet. Em 1933, entrou para a revista marxista *Commune* com uma tentativa de síntese doutrinal da psicanálise com o marxismo. Mas, em 1939, publicou um último artigo, também com pseudônimo, T.W. Morris, na revista *La pensée*, saudando o “Fin de la psychanalyse”, afirmando que a contextura teórica da psicanálise é de “um ecletismo heteróclito”. Membro da *Resistance* contra à ocupação alemã na França é preso e, em 1942, executado por soldados nazistas.

REVUE DE PSYCHOLOGIE CONCRÈTE

PUBLICATION INTERNATIONALE POUR RECHERCHES DE PSYCHOLOGIE POSITIVE

Directeur : C. POLITZER

N°1. — 1^{er} FEVRIER 1929

Parait quatre fois par an.

EDITORIAL.

I. LES FONDEMENTS DE LA PSYCHOLOGIE

C. POLITZER (PARIS) : Psychologie mythologique et psychologie scientifique.

F. GIESE (STUTTGART) : Théorie et pratique en matière de psychologie.

II. ÉTUDES DOCUMENTAIRES

J. KANTOR (INDIANA, U. S. A.) : La Psychologie organique.

A. ADLER (WIEN) : Les idées fondamentales de la Psychologie individuelle.

A. HESNARD et E. PICHON (TOULOUSE-PARIS) : Aperçu historique du mouvement psychanalytique français.

CH. S. MYERS (LONDON) : La Psychologie industrielle en Grande-Bretagne.

III. PROBLÈMES PERMANENTS

La Psychologie générale et la Psychotechnique. Texte de l'Enquête.

La Crise de la Psychanalyse (position du problème).

H. PRINZHORN (FRANKFURT A. M.) : La Crise de la Psychanalyse.

IV. PRÉSENTATIONS ET ANALYSES CRITIQUES

A propos de la traduction française de la Psychopathologie générale de Jaspers.

E. SAUPE. Einführung in die neuere Psychologie.

PARIS. « LES REVUES », 47, RUE MONSIEUR-LE-PRINCE. Le N° } FRANCE 20 fr.
ÉTRANGER 25 fr.

O número 1, publicado em fevereiro de 1929, da *Revista de Psicologia Concreta*, denominada como “publicação internacional para a pesquisa da psicologia positiva”, tinha como proposta editorial ser quadrimestral e foi fundada “a título de experiência psicológica”. Na capa trouxe o nome de Georges Polizer como Diretor e apresentou a seguinte composição.³³⁰

SUMÁRIO

Editorial

I – Os Fundamentos da Psicologia

Psicologia mitológica e psicologia científica, por G. Politzer (Paris)

Teoria e prática na matéria da psicologia, por F. Giese (Stutigart, Alemanha)

II – Estudos Documentais

A psicologia orgânica, por J. Kantor (Indiana, USA)

As idéias fundamentais da psicologia individual, por A. Adler (Viena)

Panorama histórico do movimento psicanalítico francês, por A. Hesnard e E. Pichon (Toulouse, Paris).

A psicologia industrial na Grã-Bretanha, por CH. S. Myers (Londres)

III – Problemas Permanentes

A crise da psicanálise, por H. Prinzhorn (Frankfurt)

IV – Apresentação e Análise Crítica

A propósito da tradução francesa da Psicopatologia Geral de K. Jaspers, por E. Saupe (Einführung in die neuere Psychologie)

³³⁰ A tradução dos dois Editoriais foi realizada por Maria Elizabeth Segurado; a tradução dos Sumários e a Revisão Técnica da Tradução foram realizadas por mim; todo o material aqui apresentado foi extraído da edição realizada por Jacques Debouzy e se encontram em *Écrits II*.

EDITORIAL³³¹

A nova psicologia, que se diz diferente da que resultou das tentativas do final do século passado e das afirmações e negações que se agruparam em torno delas, é hoje, se não uma realidade incontestável, pelo menos uma aspiração quase geral. Apesar dos esforços realizados todos os dias pelos “conciliadores” a fim de demonstrarem a suficiência do edifício central da psicologia de ontem diante das exigências trazidas pelo novo movimento, a presente publicação parte da afirmação dessa insuficiência e da legitimidade da aspiração a uma psicologia nova. Em meio às queixas e hesitações da maioria dos psicólogos, ela toma resolutamente como ponto de partida as tentativas psicológicas recentes que procuram destacar-se da inspiração fundamental desta psicologia que, durante tanto tempo, teve as honras do ensino oficial.

A unidade é certamente a necessidade mais urgente da psicologia. Mas a constituição de uma ciência não implica somente a concepção clara de seus fundamentos; ela implica ao mesmo tempo a eliminação da forma mitológica e da forma pré-científica sob as quais qualquer ciência começa a existir. E dado que uma mesma ciência não pode ser positiva sob duas ou mais formas, a eliminação das formas falsas ou insuficientes deve proceder de uma atitude unificada.

Se a unificação deve ser o artigo mais fundamental de seu programa, a presente publicação deve ter ao mesmo tempo, a responsabilidade de não deixar a unidade degenerar em compromisso e de simplificar a presente situação de modo que se encontre, de um lado, a psicologia que não é de todo positiva, e, do outro, a que pretende sê-lo em absoluto. Esta é, com efeito, a dualidade fundamental que está na base de todas as ciências, no verdadeiro sentido da palavra, e é a partir dela

³³¹ Este editorial, bem como o do segundo e último número da revista é de autoria de Georges Politzer. (Nota do Editor)

somente que foi possível chegar a essa unidade que desejamos hoje para a psicologia.

É manifesto que a confusão a respeito da crítica da psicologia clássica e da elaboração dos fundamentos da psicologia nova é hoje ainda maior do que no passado. Visto que, muito embora esse duplo empreendimento não possa ser realizado nem por indivíduos isolados nem por tendências particulares, são justamente os indivíduos isolados e as tendências particulares que, até aqui, têm sido responsáveis por essa tarefa.

A visão dos erros e a concepção das reformas a serem realizadas devem vir certamente das próprias pesquisas positivas que são necessariamente particulares, mas nenhuma pesquisa particular, qualquer que seja o seu valor positivo, pode conduzir, por si só, à visão integral dos erros ou à concepção das reformas em toda sua extensão. Isoladas umas das outras, as pesquisas particulares levam os seus representantes a substituir o aprofundamento definitivo da crítica que trazem e as reformas que implicam, por compromissos ou construções teóricas que, de certo modo, retardam os progressos verdadeiros.

Vemos hoje certas tendências contentarem-se com afirmações dogmáticas, no sentido kantiano da palavra, mesmo sobre os pontos em relação aos quais uma outra tendência sustentou uma negação baseada numa crítica sistemática; outras substituírem-na por um compromisso com a psicologia clássica ou uma construção simplesmente nocional, uma reforma que constitui o objeto essencial, ao mesmo tempo em que a razão de ser de uma outra tendência nova; vemos outras ainda apoiarem-se na concepção imperfeita de uma crítica, reforma teórica ou metodológica, enquanto que numa ou mais outras tendências encontramos a concepção rigorosa e definitiva da mesma crítica, idéia ou método. Vemo-las finalmente, quase todas, procurarem a nova psicologia, um pouco por toda parte, como se fosse uma espécie de pedra filosofal, esquecendo que existem pesquisas que trouxeram não um simples melhoramento da psicologia clássica, mas uma

inspiração fundamental inteiramente nova, pelo menos para os psicólogos, e que parece ser, enfim, a da psicologia positiva.³³²

Se for ilegítimo e até inútil arrancar os especialistas às suas pesquisas especiais, esse estado de espírito que permite atualmente a qualquer psicólogo designar precisamente o fato com o qual trabalha como particularmente significativo simplesmente porque a confusão que reina em torno do campo da Psicologia, não permite saber com precisão aquilo que é realmente fundamental e o que não o é, nada tem de desejável. Será, pelo contrário, necessário habituar-se à idéia de que tudo o que diz respeito aos fundamentos da psicologia não pode ser elaborado definitivamente a não ser pelo trabalho coletivo, porque um sistema individual é sempre uma construção arbitrária e somente o trabalho coletivo pode conduzir a este “sistema” a que chamamos uma ciência.

Sem querer apoderarmo-nos de nenhuma especialidade, sem proibir a quem quer que seja de se entregar a pesquisas particulares que só podem ser avaliadas pelos seus resultados, a presente publicação gostaria de organizar a colaboração de todas as tendências psicológicas que participam do novo movimento, em vista daquilo que só pode ser realizado pelo trabalho coletivo, a saber, a elaboração dos resultados que podem ser considerados desde já como aquisições positivas e ao mesmo tempo, dessas afirmações e negações fundamentais que devem constituir a “mentalidade” de um psicólogo no sentido positivo do termo, em suma: a unificação da crítica da psicologia clássica simultaneamente à unificação dos fundamentos da psicologia nova.

A realização deste último objetivo só poderá ser, evidentemente, progressiva: a lentidão ou a rapidez desta progressão dependerá da atitude das diferentes tendências cuja colaboração cabe organizar, e só será possível enfrentar o essencial à medida que isso se torne factível pelo estado das próprias pesquisas psicológicas. Entretanto, a luta contra certos hábitos, essencialmente responsáveis pela anarquia da atual situação da psicologia, pode começar desde já.

³³² Para Politzer, a psicologia concreta é a forma positiva da psicologia, por oposição a forma negativa que ele considerava abstrata, mitológica ou pré-científica. (NRT)

Tratar-se-á em primeiro lugar de arrancar ao arbítrio individual ou regional as decisões relativas à verdadeira forma como se coloca atualmente o problema da psicologia.

A maioria dos psicólogos tem uma tendência a comportar-se como se só dependesse deles decidir o que é admitido e o que deverá ser posto em questão na psicologia do passado, sem ocupar-se da situação, tal como ela se apresenta efetivamente.

É por essa razão que convém organizar uma preparação sistemática da atual posição do problema psicológico, e examinar com essa finalidade todos os problemas postos pelas relações entre as tendências psicológicas novas, umas com as outras. E como existem ainda psicólogos que julgam que o novo movimento pôs tudo em questão, salvo a hipótese da vida interior, será necessário começar a insistir aqui, muito particularmente, sobre a crítica da doutrina da vida interior, sob todas as suas formas, e organizar uma discussão sistemática do behaviorismo em toda a sua extensão.

Tratar-se-á, ao mesmo tempo de romper desde já com essa atitude que consiste em concentrar a reflexão sobre os fundamentos da psicologia em torno de um certo número de temas e pesquisas, que são sempre as mesmas, como se fosse impossível que o centro de gravidade da psicologia pudesse ele próprio deslocar-se.

Com efeito, as pesquisas que são de fato muito especiais, ou mesmo simplesmente auxiliares, como a psicologia dita fisiológica, ocupam o centro das preocupações teóricas dos psicólogos, porque prometem a realização de certos sonhos filosóficos, enquanto existe quem se obstinasse e se obstine ainda em relegar para um segundo plano ou mesmo para fora da psicologia “pura” outras pesquisas que têm efetivamente uma significação central, pois longe de prometer a realização de sonhos filosóficos, elas trazem a inspiração da psicologia tal como ela teria se desenvolvido se sonhos filosóficos não tivessem vindo perturbar o curso de sua evolução e mais ainda: trazem a forma a partir da qual devem modelar-se as definições e concepções fundamentais da nova Psicologia.

Sem pretender anteciparmo-nos no que quer que seja à discussão comum, submetendo-lhe mesmo a apreciação anterior, queremos mudar esta situação

levando as pesquisas em questão para o centro das preocupações relativas aos fundamentos. A principal fonte das idéias sobre a reorganização da psicologia foi, no passado, ora a física, ora a fisiologia, ora a biologia, sem que se possa dizer que se tenha chegado a uma reforma verdadeiramente definitiva. Não é impossível que seja necessário mudar hoje de fonte e voltar-se para a psicanálise, para a psicologia individual, para a tecnopsicologia e para a caraterologia. Após se ter tentado tantas vezes conceber a psicologia partindo-se da fisiologia e da biologia, baseando-se em simples hipóteses, não há nenhuma razão válida para se recusar a examinar a forma como se apresenta o problema dos fundamentos da psicologia, a partir das últimas pesquisas que têm, efetivamente, um direito positivo a este exame, pois acrescentaram aos dados da psicologia clássica, que tinham permanecido invariáveis durante séculos, descobertas verdadeiramente novas e verdadeiramente positivas.

A presente publicação procurará, portanto, elaborar de maneira sistemática a lista dos ensinamentos que comportam as pesquisas em questão para a psicologia e, destacando a inspiração fundamental que elas trazem, submeter à discussão comum as suas construções teóricas a fim de avaliar a interpretação que elas dão de si mesmas. Tratar-se-á especialmente de submeter a um exame, a atual estrutura teórica da psicanálise, que, após um notável avanço, chegou hoje a um período de estagnação que talvez possa ser explicado pelo fato das pesquisas psicanalíticas estarem encerradas em construções teóricas insuficientes. É neste sentido que abrimos desde já um capítulo permanente dedicado à crise da psicanálise. Mas a necessidade mais urgente aqui é a de se chegar a um esclarecimento a respeito do verdadeiro significado da tecnopsicologia, qualificada de uma forma totalmente arbitrária e em conformidade com uma idéia tradicional, cujo valor nunca foi submetido a nenhum exame, da psicologia aplicada, enquanto que, longe de ser a aplicação da psicologia geral como tal, a tecnopsicologia traz talvez uma psicologia geral inteiramente nova.

De um modo geral e em todos os problemas, a presente publicação esforçar-se-á para substituir as decisões individuais ou regionais pelas decisões coletivas; a tradição pelo método; os preconceitos pelas idéias refletidas; e finalmente as

contingências das orientações individuais ou regionais pelo plano racional do trabalho coletivo.

Seria um grande erro acreditar que só as dificuldades ideológicas resistem à liquidação da psicologia clássica e à unificação da psicologia nova. Os psicólogos não desejam tanto como dizem e tanto quanto se possa crer, a unidade da psicologia. Pois, se alguns psicólogos se mostraram imediatamente dispostos a apoiar nosso empreendimento por meio de uma colaboração ativa, muitos dentre eles responderam-nos que, em princípio, estariam de acordo, mas que o fato de estarem ocupados naquilo contra o que os convocávamos para uma luta comum, impedia-os de aceitar uma participação ativa. Mas o essencial nem sequer é isso. Ele reside num aspecto da crise que escapa habitualmente à atenção, a saber, o seu aspecto material. A psicologia já não é, efetivamente uma personalidade simplesmente espiritual, é também um organismo material.

O caso da psicologia nascida de Wundt já deveria ter chamado atenção para este fato. Esta psicologia que não eliminou nenhum dos erros verdadeiramente fundamentais da psicologia filosófica; que não realizou nenhuma reforma verdadeiramente essencial; que de fato e no seu conjunto é tudo menos científica; foi, no entanto, a que consolidou na opinião pública a idéia de que a psicologia tornou-se uma ciência. Wundt realizou realmente uma grande reforma: fez a psicologia passar do estado de personalidade espiritual para o estado de instituição, isto é, de potência material. Se os laboratórios e institutos concebidos à maneira de Wundt só fizeram e continuam a fazer uma fisiologia disfarçada, têm, em compensação, permitido à psicologia mergulhar suas raízes na realidade econômica.

Ora, refutam-se idéias, mas não instituições. Eis por que é difícil eliminar a psicologia clássica. Aquilo que não é mais do que resistência a uma realidade econômica, escapando naturalmente à simples crítica, é interpretada como uma resistência à própria idéia a ela ligada. E como ainda não se viu nenhum laboratório fechar suas portas após a demonstração de inabilidade de seus trabalhos, acredita-se facilmente que esta sobrevivência é devida à verdade intrínseca do método que aí é praticado. Todas essas demonstrações que estabelecem que a psicologia clássica não está vencida na qualidade de diretiva de pesquisas, correspondem à

necessidade de justificar em direito uma situação de fato. É somente de um fato econômico que se chega a um direito científico.

Em outras palavras, todas essas nuances de que vivem os “conciliadores” destinam-se a dar um invólucro racional ao fato de que os organismos da psicologia clássica sobreviveram, por razões extra-rationais, às concepções que lhes deram origem: os defensores da psicologia clássica, em vez de adaptarem as instituições à verdade, querem adaptar a verdade às instituições. E eis por que todas as nuances que tanto intimidam os reformadores mais ousados, perderiam toda a força de persuasão se a nova psicologia fosse também uma poderosa realidade material. Não basta, portanto, opor às concepções da psicologia clássica as da psicologia nova: o esclarecimento da crise atual implica também a organização material da psicologia nova.

O mesmo raciocínio é válido para o problema da unificação. Tal como a eliminação da psicologia clássica, a unificação da psicologia nova não é também um empreendimento puramente ideológico. De fato, dadas certas leis da economia atual, as tendências recentes, que mal surgiram, tornaram-se também potências materiais. Fazemos até abstração do fato que o representante mais qualificado de tal tendência importante, apanhada na engrenagem da vida econômica, tenha se tornado simplesmente inacessível a uma revista de psicologia. Mas é suficiente indicar – uma vez que prescindimos de dar detalhes mais amplos – que uma tendência que se torna, na sua particularidade, objeto de um culto, com tudo que isso implica, está acima da crítica. Não lhe é mais possível renunciar, por múltiplas razões, apenas em parte psicológicas, quer à sua posição particular, quer à afirmação de todas as teses que derivam da particularidade de sua posição. Daí nascerão nuances que é inútil combater, porque são as expressões de uma situação que nada tem a ver com a própria ciência. Assim, aqui também, as tentativas mais definitivas e fecundas não conseguirão estabelecer na opinião pública a existência de uma psicologia nova unificada, salvo se esta última possuir organismos materiais que só a ela pertencem e que lhe permitirão impor-se aos psicólogos.

A necessidade da presente publicação torna-se assim ainda mais evidente, ao mesmo tempo em que fica inteiramente esclarecida a natureza do papel que terá de

desempenhar. Ao lado do trabalho teórico, esta publicação deverá tentar também a organização material da nova psicologia unificada e constituir um centro em torno do qual poderão reagrupar-se as “forças psicológicas”, acorrentadas hoje em dia, na maioria das vezes independentemente das razões propriamente científicas, a posições que não escolheram, mas às quais se submetem ao sabor das contingências individuais ou regionais. A presente publicação deve ser o primeiro organismo material da nova psicologia em vias de unificação. Outras talvez lhe sucederão. Mas não escondemos que a nossa esperança conduz-nos aqui essencialmente às gerações mais novas. Gostaríamos de permitir-lhes dedicarem-se a um trabalho positivo sem terem de comprometer, em troca, a sua responsabilidade em favor de certas posições que não têm qualquer valor positivo e principalmente, gostaríamos de aproveitar o entusiasmo que trazem consigo para fins verdadeiramente positivos, antes que se cansem em ocupações que uma longa história já demonstrou serem estéreis.

A obra que empreendemos é, no seu gênero, uma “experiência psicológica”. Eis aqui um órgão que não representa nenhuma tendência particular, e que colocamos à inteira disposição de todos aqueles que prezam realmente a constituição da psicologia; estamos prontos para adotar todas as posições cuja necessidade resultará claramente do trabalho coletivo. Se existe, portanto, uma crise da psicologia e se esta crise pode ser superada, será aqui – dado que não existe nenhum órgão particular - que este acontecimento deverá produzir-se. Será possível avaliar então pela maneira como esta publicação será apoiada pelos psicólogos, até onde vai seu desejo de positividade e sua vontade de unificação.

Paris, dezembro de 1928

Publication internationale pour recherches de psychologie positive

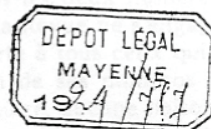
REVUE DE PSYCHOLOGIE CONCRÈTE

PUBLICATION INTERNATIONALE POUR RECHERCHES DE PSYCHOLOGIE POSITIVE

Directeur : C. POLITZER

Numéro 2. — JUILLET 1929

Paraît quatre fois par an.



ÉDITORIAL.

I. LES FONDEMENTS DE LA PSYCHOLOGIE

G. POLITZER (PARIS). Où va la
psychologie concrète?

II. ÉTUDES DOCUMENTAIRES

F. GIESE (STUTTGART) : La psy-
chotechnique en Allemagne.
J. KANTOR (INDIANAPOLIS, U. S. A.) :
L'état actuel du behaviorisme.
E. UTITZ (HALLE) : De l'orien-
tation de la Caractérologie.

III. PROBLÈMES PERMANENTS

D. HANK (PARIS) : Remarques
sur la crise de la psychanalyse.
A. HESNARD (TOULON) : A pro-
pos d'une prétendue « crise » de
la psychanalyse.
G. POLITZER (PARIS) : Réponse
au professeur Hesnard.
H. PRINZHORN (FRANCFURT
a. M.) : Sur l'article de Hes-
nard « A propos d'une préten-
due crise de la psychanalyse ».
G. P. Note sur la psychologie
individuelle.

IV. PRÉSENTATIONS ET ANALYSES CRITIQUES

O. KANITZ (WIEN) : L'enfant
du prolétaire dans l'ordre social
actuel.
W. ELIASBERG (MÜNCHEN) :
Les Congrès médicaux de Psy-
chothérapie. 1^{er}, 2^e, 3^e et 4^e con-
grès
etc.

PARIS, « LES REVUES », 47, RUE MONSIEUR-LE-PRINCE. Le N° | FRANCE 25 fr.
| ÉTRANGER 25 fr.

O número 2, publicado em julho de 1929, segue a mesma estruturação temática:

SUMÁRIO

Editorial

I – Os Fundamentos da Psicologia

Para onde vai a psicologia concreta?, por G. Politzer (Paris)

II – Estudos Documentais

A psicotécnica na Alemanha, por F. Giese (Stutigart, Alemanha)

O estado atual do behaviorismo, por J. Kantor (Indiana, USA)

A orientação da caracteriologia, por E. Utitz, (Halle)

III – Problemas Permanentes

Nota sobre a crise da psicanálise, O. Rank (Paris)

A propósito de uma pretensa “crise” da psicanálise, por A. Hesnard (Toulouse, Paris)

Sobre o artigo de A. Hesnard, “A propósito de uma...”, por H. Prinzhorn (Frankfurt)

Resposta ao Professor Hesnard, G. Politzer (Paris)

Nota sobre a psicologia individual, G. Politzer (Paris)

IV – Apresentação e Análise Crítica

A criança do proletário na ordem social atual, O. Kanitz (Viena)

O congresso médico psicoterápico, por W. Eliasberg (Munique)

EDITORIAL

Dissemos no Editorial do nº 1 que o nosso empreendimento é, no seu gênero, uma experiência psicológica. Queremos dizer com isso que a *Revue de psychologie concrète* contribuirá de qualquer modo, quer tenha êxito ou não, para esclarecer a situação da Psicologia, dadas as reações que as palavras de ordem e o programa por ela adotado não deixarão de provocar. Embora seja difícil avaliar, a partir de um único número, a ação de uma revista – uma andorinha sozinha não faz verão, principalmente quando a andorinha em questão encontra somente redes preparadas para caçá-la – podemos dizer desde já que não nos enganamos. Com efeito, encontramos-nos, no presente momento, em face de duas reações muito edificantes: a resistência passiva por um lado, a corrida para a psicologia concreta, por outro. A primeira mostra-nos que as críticas mais obstinadas da psicologia clássica ainda lhe são solidárias, a segunda, que a psicologia clássica espera salvar-se, uma vez mais, mudando a linguagem. As duas juntas mostram-nos que a vontade de renovação é, entre os psicólogos, muito mais sincera do que se poderia julgar a partir de suas declarações e que é puramente relativa a certos limites a respeito dos quais estão todos, no fundo, de acordo; limites que a grande maioria dos psicólogos não seria capaz de ultrapassar, nem que para isso, a psicologia tivesse de sucumbir no mesmo instante e que mantêm a “solução da crise” e a “renovação” no estado de temas inesgotáveis e puramente acadêmicos.

Nosso dever é, pois, o de revelar a verdadeira natureza desses “limites”: mas para isso é preciso afastarmo-nos um pouco do jargão técnico dos psicólogos e esquecer a algazarra das disputas entre as tendências divergentes que, na realidade, se assemelham todas.

Elas não só se assemelham como estão todas de acordo. Todas são idealistas. Assistimos, mesmo hoje, na psicologia, a uma fusão geral no idealismo. Tudo é o resultado do grande movimento da psicologia positiva dos últimos tempos: uma grande liquefação idealista. A psicologia teológico-bergsoniana na França, a “*geisteswissenschaftliche psychologie*” e a Metafísica idealista da “*Leib-Seele-*

*Einheit*¹ na Alemanha. As direções verdadeiramente fecundas e dignas de um destino melhor ficam paralisadas e decompõem-se em idealismo. A psicanálise, após a dissidência entre Jung e Adler, ambos mais idealistas do que Freud, continua a esboroar-se, desembocando em tentativas ainda mais idealistas, como a de Rank, por exemplo. O behaviorismo rigoroso, de inspiração materialista, foi, desde o início, incapaz de se manter na sua própria linha e deu origem às diferentes formas de behaviorismo não fisiológico, todas elas mais ou menos fortemente idealistas. Parece então se tratar de um mea culpa geral entre os psicólogos que voltarão com o maior dos clamores ao idealismo. A melhor prova disso é a psicotécnica, que não tinha absolutamente nenhuma razão técnica para se tornar idealista, e que teria todas as razões para não sê-lo, e que, apesar disso, está cheia de idealismo nas suas teorias.

Entretanto, a impotência da psicologia atual não é senão a impotência científica do idealismo. A psicologia “ciência da alma” pode se dar ao luxo de ser idealista; ela não passa de um capítulo da teologia e de um instrumento de dominação. Já o mesmo não acontece com a psicologia concebida como ciência. Ela deve tratar dos fatos verdadeiros e só pode ser materialista.

Existe, pois, uma crise na psicologia. Mas ela é muito mais simples e muito mais clara do que se possa pensar. Consiste unicamente no fato da psicologia ser idealista quando deveria ser materialista ou, se preferirmos, de serem idealistas que gostariam de fazer uma obra materialista: a psicologia só poderia tornar-se uma ciência renunciando ao idealismo, ao passo que os psicólogos atuais são incapazes de renunciar a ele. E esta crise é bem verdadeira para a própria psicologia científica: as tentativas mais fecundas são de orientação materialista. Elas conduzem efetivamente a psicologia até os limites do idealismo, não tendo porém como base teórica senão essas formas incompletas do materialismo que não são hoje mais do que refúgios do idealismo em que este sempre toma a dianteira, tornando estéreis as melhores tentativas. A situação é esta naturalmente, porque os psicólogos estão ligados, pelas suas origens, bem como por suas tradições, por toda sua atividade pública, privada e profissional, à ideologia burguesa. Eis porque percebem somente

¹ “A unidade do corpo e da alma” (Nota do Ed.).

estas formas do materialismo que, sendo incompletas, são oficialmente autorizadas: o materialismo da fisiologia e da medicina; eis porque também a ignorância por parte dos psicólogos da forma completa do materialismo torna-se para eles uma questão de “temperamento”. E nasce assim uma contradição entre aquilo que a transformação da psicologia em ciência implica e aquilo que o “temperamento” de filósofos burgueses ou de médicos-falsos-materialistas dos psicólogos sustenta. O resultado é que a psicologia permanece imobilizada.

A psicologia concreta é justamente essa psicologia que elimina todos os vestígios de idealismo na psicologia. Trata-se da psicologia materialista, que adota assim a única atitude capaz de assegurar para a psicologia um futuro científico. Mas é ao materialismo contemporâneo que ela se vincula, ao materialismo que teve origem em Marx e Engels, denominado materialismo dialético.³³³ É de um materialismo completo que a psicologia precisa e o materialismo dialético é o único completo. É somente a partir dele que a psicologia será capaz de se tornar uma ciência.

Os psicólogos aos quais nos dirigimos sentiram muito bem que esta era a última base teórica da psicologia concreta.³³⁴ E eis porque encontramos diante de nós apenas resistência passiva por um lado e a corrida para a psicologia concreta, por outro. Como é que, efetivamente, os idealistas poderiam concordar em trabalhar contra o idealismo? E como poderiam deixar de tentar capturar essa psicologia, inimiga do idealismo, preparando-lhe suas redes, antes que o prestígio do “concreto” acabasse, escapando-lhes definitivamente?

Mas no que se refere ao primeiro ponto: as lamentações sobre a crise, os sermões sobre a unidade, os votos formulados quanto ao renascimento, saberemos de agora em diante o que isto significa, saberemos que isso não significa nada mais

³³³ Pode-se observar aqui a mudança brusca de tom: a partir de então, o vocabulário marxista do Partido Comunista Francês começou a ser incorporado no discurso de Politzer. A publicação do nº 2 da Revista de Psicologia Concreta porta assim as marcas da entrada de Politzer nas fileiras do PCF. Desse modo, pela primeira vez, aparece o argumento de que o materialismo dialético seria o fundamento da psicologia concreta. (NRT)

³³⁴ Uma revista católica: *Estudes* qualifica, ao recensar a *Critique des Fondements de la Psychologie*, a nossa tentativa de "bolchevista". As alusões contidas no artigo por Prinzhorn no nº 1 da *Revue de la Psychologie Concrète* são igualmente claras. (Nota de Politzer).

senão: que a psicologia pereça em vez do idealismo. E no que diz respeito ao segundo ponto, já é demasiado tarde para lançar as redes e a manobra da corrida nos dá precisamente uma excelente oportunidade para mostrar exatamente para onde vai a psicologia concreta, sem que sejamos, desta vez, obrigados a nos ater à linguagem técnica da psicologia.

E quem poderá lamentar-se ainda da falta de clareza da situação na psicologia? De um lado, encontram-se aqueles que são, acima de tudo, os suportes de uma ordem social e da sua ideologia, e que não aceitam fazer ciência senão dentro dos limites desta última; do outro lado, aqueles que pretendem fazer pesquisas científicas sem “limites” e, sobretudo, sem viseiras.

Revue de Psychologie Concreta, nº 2, julho de 1929.